

Ualalapi, o herói do reino de Gaza**Rubens Pereira dos SANTOS***

Ungulani Ba Ka Khosa, nome tsonga do escritor moçambicano Francisco Esaú Cossa, estreou na literatura com o romance *Ualalapi*, em 1987. A obra narra a história de Ualalapi, guerreiro nguni (da etnia zulu) que formava um grupo que defendia o território do Império de Gaza, no reinado de Gungunhana. Ualalapi é considerado pela crítica africana como um dos cem melhores romances africanos do século XX e Ungulani Ba Ka Khosa goza, atualmente, de um alto prestígio no quadro das literaturas africanas de língua portuguesa. Acaba de publicar livro sob o título de *Gungunhana* (incluindo na edição os romances *Ualalapi* e o então inédito *As mulheres do imperador*, pela Porto editora e pela brasileira Kapulana).

Historiador, Ungulani utiliza nos romances documentos oficiais do governo português para compor a sua narrativa. Trata-se de um resgate da memória histórica de Moçambique. Gungunhana foi o último imperador de Gaza, região que compreendia o território moçambicano, habitado pelos ngunis, povo da etnia zulu, muito conhecida pela sua capacidade de luta. Gungunhana combateu os colonizadores durante o pouco tempo de seu reinado e foi punido por isso. Apesar de sua personalidade contraditória, conseguiu unir o seu povo na luta contra a administração ultramarina.

O texto, ora apresentado, corresponde ao primeiro capítulo do romance. Nele, há o relato da chegada à aldeia dos guerreiros liderados por Ualalapi, que retornavam de uma produtiva caçada. Vinham dispostos e ansiosos para o encontro com a família, todos carregados de provisões e sonhos, inclusive Ualalapi. O narrador tem como partida os pensamentos do chefe guerreiro que sonha com o encontro com a mulher e o filho. Sonho que é interrompido pela presença de dois pangolins, animais de mau agouro. Para ele e para os guerreiros a visão dos pangolins prenunciava que algo de ruim acontecia na aldeia, procurando decifrar o enigma, pensou logo na mulher e no filho e se algo teria ocorrido com eles “Olhou para os guerreiros e viu-os na mesma posição rememorativa, pensando nas mulheres e nos filhos, e nos pais e nos avós, atirados pelo império sem fim”

Temores que foram confirmados logo na entrada da aldeia, quando Ualalapi soube da morte de um homem, relatado pela mulher. Mais tarde, fica sabendo de mais mortes,

* Docente aposentado da FCL/Assis – Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras FCL/Assis

mortes essas ocasionadas pelo falecimento de Muzila, o rei. Já nesse primeiro capítulo nota-se a presença de elementos representativos da ancestralidade africana: os pangolins, os mochos (que representam os espíritos), os crocodilos dos antepassados que levaram embora a velha Salama, as formigas gigantes que devoraram um velho e as serpentes que disputavam um corpo.

Enfim, a presença de elementos imateriais representativos da cultura e da religião moçambicana marca de forma concreta a escrita de Ba Ka Khosa. Atente-se para o final de capítulo quando a aldeia inteira exalava mau cheiro, porque o corpo do rei estava numa cubata na praça central à espera da putrefação para que os “espíritos malvados não se apossassem de parte do corpo”. A caçada fora proveitosa, mas a tragédia caiu sobre a aldeia: “fatura no meio da desgraça”. Todos estão à espera de Mudungazi, sucessor de Muzila, e o futuro imperador Ngungunhane (Gungunhana).